



9º EnPE

Encontro de Ensino, Pesquisa & Extensão

Patrocínio, MG, outubro de 2022

TEORIAS DE GÊNERO E A PRODUÇÃO CULTURAL CONTEMPORÂNEA

Júlia Braga Inácio¹, Jonatas Aparecido Guimarães²
IFTM - Campus Patrocínio
Modalidade: Pesquisa

Resumo:

Na contemporaneidade, os debates sobre as identidades, sejam elas de raça, de gênero, de classe, têm ganhado crescente influência na cena pública, difundindo-se por reflexões de autores do campo da sociologia, da filosofia, da psicanálise e da arte. Essa discussão torna-se possível a partir de perspectivas teóricas que observam os movimentos de descentramento do sujeito com a conseqüente fragmentação das identidades. Conseqüentemente, nem um nem outro poderiam ser vistos como essências imutáveis, de maneira que as identidades passam a ser vistas como construções sociais e históricas, submetidas a esquemas de poder específicos. Tendo-se esse panorama em mente, a presente pesquisa propõe a análise das teorias de gênero em sua relação com as produções culturais contemporâneas, partindo da hipótese de que a arte pode atuar na construção e desconstrução das identidades. Assim, as produções culturais poderiam ser vistas como gestos de afirmação da alteridade, a partir do momento em que trabalham com a construção de imagens múltiplas do feminino, participando do embate político pela emancipação. Para tanto, realiza-se a análise e o embate de conceitos advindos dos campos da filosofia e da sociologia, de modo a possibilitar a interseção de suas análises teóricas com o campo da teoria/crítica da literatura e da arte.

Palavras-chave: Gênero; Sujeito; Identidade.

Introdução

Amplamente discutida na teoria social, a pós-modernidade se caracteriza pelo colapso ocasionado, entre outras questões, pela denominada “crise de identidade”, em que as identidades unificadas e estáveis são deslocadas. Assim, opera-se uma crescente desestabilização em que se questionam as grandes narrativas tidas como uma ancoragem estável do mundo social. As paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade se tornam, então, não mais consolidadas.

Se assim o é, as produções artísticas atuam, hoje, no reconhecimento da fragmentação dos sujeitos. Mais do que isso, tais produções poderiam ser vistas como

¹Estudante do Curso Técnico em Eletrônica Integrado ao Ensino Médio
julia.inacio@estudante.iftm.edu.br

²Professor Orientador, Dr. em Estudos Literários e Me. em Literaturas de Língua Portuguesa
jonatas@iftm.edu.br

gestos que atuam no questionamento das identidades femininas subjugadas, na busca da construção de imagens menos subjugadas da mulher. Nessa direção, a pesquisa procura estabelecer uma relação entre os estudos de gênero e a teoria/crítica da literatura/arte, de modo a pensar como esta pode construir identidades femininas outras.

Objetivos

Estabelecer uma inter-relação entre as produções artísticas e o campo sociológico filosófico das teorias de gênero e do descentramento do sujeito, de maneira a demonstrar a arte como elemento político que atua nas esferas sociais para a construção ou desconstrução de identidades de gênero.

Metodologia

Embora o trabalho vislumbre uma relação entre a arte e as reflexões de cunho filosófico-sociológico, sua análise se pauta sobretudo pela análise e contraposição dos trabalhos teóricos atinentes ao tema. Por essa mesma razão, nesta pesquisa não há sentido em se manter um tópico específico para o referencial teórico, uma vez que se visa exatamente debater as teorias existentes e tensioná-las. Para tanto, são contrapostos os conceitos de sujeito, identidade, gênero e de dispositivo, provenientes sobretudo da filosofia francesa da segunda metade do século XX e dos recentes debates dos estudos culturais.

Desenvolvimento e Resultados

Cabe lembrar que a teorização contemporânea desenvolvida sobre os sujeitos estabelece um diálogo estreito com a produção filosófica de Michel Foucault, o qual talvez possa ser citado como o autor que problematizou de forma mais intensa o processo de produção de sujeitos submissos. Ou seja, Foucault foi um dos primeiros a pensar na necessidade de combater uma visão estanque dos sujeitos e das identidades, uma vez que nelas residiria uma das estratégias mais eficazes de dominação do Outro no mundo ocidental.

Partindo do conceito de dispositivo de Foucault, Fabiana Marcello desenvolve o dispositivo da maternidade, que é essencial para o entendimento de como a igreja, a família, a televisão, a escola, o discurso médico construíram historicamente identidades

submissas (sujeitos maternos) da mulher na mídia contemporânea. Cabe aqui apresentar a noção de dispositivo que, embora não definida de modo sistematizado por Foucault, foi descrita em uma entrevista prestada à *International Psychoanalytical Association* (IPA): “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas.” (FOUCAULT, 2000, p. 244).

Dessa forma, o dispositivo se refere às “práticas elas mesmas, atuando como um aparelho, uma ferramenta, constituindo sujeitos e os organizando” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 135). Pela perspectiva do dispositivo, então, as práticas discursivas e não-discursivas, as instâncias do poder e do saber, produzem sujeitos que se pretendem fixos e cujas identidades seriam unificadas. Assim, as identidades femininas, como a da mulher-mãe, seriam submetidas aos esquemas de poder da sociedade pautada por valores masculinos, tendendo a impor uma visão pretensamente universal da mulher e dos valores que ela deveria seguir.

Nesse sentido, quando se pensa nos produtos midiáticos, inclusive as produções artísticas, como aparatos de visibilidade, deve-se levar em conta que eles criam condições para que essas novas discursividades sejam produzidas, tornando o processo de fixação da identidade feminina mais eficaz. Sob essa ótica, a imagem universal do feminino como submisso ocorre devido a uma rede intrincada de elementos, entre os quais a hegemonização do sujeito materno, pela qual se concretiza por meio da denominação e da identificação novas modalidades dessa maternidade.

Contudo, contrapondo-se a essa tentativa de universalização, Stuart Hall mostra o processo de fragmentação das identidades, a partir do que se pode inferir que o sujeito feminino no momento que se denomina como pós-moderno não é coerente, estável e unificado, não possuindo uma identidade fixa, essencial ou permanente. É nessa direção que se tornou célebre a declaração do teórico cultural, quando afirma que a identidade se torna uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados pelos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987). O posicionamento desse teórico cultural se tornou possível no contexto contemporâneo em razão de um amplo e complexo conjunto de discussões, que procuravam dessencializar as identidades, sendo que as proposições de Judith

Butler sobre o gênero foram fundamentais para tanto. No livro *Os Problemas do Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade* (2003), a autora conceitua o gênero como uma teia de significados culturais que os corpos sexuados, ao longo de sua vivência, assumem. Sua identidade, dessa forma, é performaticamente construída pelas expressões (significados culturais) resultantes. Essa performance social é produzida, bem como imposta, pela regulação de atributos enquanto padrões e normas reconhecidos a partir da inteligibilidade do gênero feminino, socialmente instituídas e mantidas.

Atualmente, os movimentos emancipatórios se dedicam, sobretudo, a proteger as populações da invisibilidade social, da miséria moral e das desigualdades crescentes. Dessa maneira, para se atingir este objetivo, os indivíduos externalizam suas indignações e dão livre curso a seus afetos, como marcadores identitários, para que possam ser reconhecidas e conquistem visibilidade. Assim, as produções culturais, como as obras literárias e as artes, são meios efetivos de se consolidar esse processo, que é contínuo. “Essa autoafirmação de si - transformada em hipertrofia do eu - seria, portanto, o sinal distintivo de uma época em que cada um tenta ser si-mesmo como um rei, e não como um outro”. (ROUDINESCO, 2022, p. 7)

Um dos pontos centrais da emancipação feminina é garantir que sua pluralidade de identidades não sejam apagadas. O termo que busca definir o sujeito feminino é contestado na medida em que seu significante não é fixo e nem coerente nos diferentes contextos históricos:

o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de gênero das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2003, p. 20)

O resultado disso, segundo Butler, seria a presunção política na crença da existência de fenômenos universais – da base universal para o feminismo, da prática de uma opressão singular (permanece sendo semelhante nas diferentes culturas e localidades) e de um patriarcado universal.

O caráter histórico do pensamento da Judith é essencial nesse ponto para criticar a teorização feminista, porque ela explica que essa presunção do movimento de

universalizar (“associar noções” notadamente ocidentais de opressão para diferentes povos e culturas, como o dos povos orientais, de “terceiro mundo”) é o mesmo que colonizar e se apropriar de culturas não ocidentais, haja vista que a opressão do gênero é vista, dessa forma, como “sintomática de um barbarismo intrínseco e não ocidental”. A tentativa em desviar o movimento desse tipo de fenômeno universalizador de identidades femininas é o que se vê nas atuais produções culturais, que visam a emancipação desse grupo.

Conclusão e Considerações Finais

Apesar de a pesquisa aqui desenvolvida ter se iniciado há pouco tempo, o debate das teorias de gênero associadas com a concepção da fragmentação do sujeito mostram como a arte pode atuar ativamente na produção de identidades. Nesse sentido, pela ótica dos dispositivos, ela poderia tanto propagar imagens fixas e submissas da identidade feminina, quanto oferecer formas de resistência para a sua emancipação. Os vários modos de expressão artística, então, poderiam ser vistos como gestos de atuação política exatamente por refletirem sobre e valorizarem a alteridade frente a identidades universalizantes.

Referências

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a *História da sexualidade*. In. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 243-276.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- MARCELLO, Fabiana de Amorim. Conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25426/14752>>. Acesso em: 29 set. 2022.
- RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.
- ROUDINESCO, Elizabeth. *O eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.